

***Joel Barcellos***

Um veterano do cinema nacional

Há quem diga que 1968 já terminou há muito tempo. E, para se ter uma prova, é só comparar a 4^a edição do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro com esta 21^a que se encerra hoje. Para Joel Barcellos, que naquele ano recebeu o prêmio de melhor ator por sua atuação em **Jardim de Guerra**, de Neville D'Almeida, e que está de volta em **Presença de Marisa**, de John Doo, "aquele era o momento em que o festival tinha uma importância política muito grande. O Cine Brasília vivia cercado e havia toda aquela efervescência de luta contra a ditadura".

O veterano em festivais na cidade lembra ainda que a população não estava tão robotizada, "saindo da repartição e indo para casa assistir televisão", diz o ator que espera que este festival encerre a fase de marasmo, "ou então acabe definitivamente". É que, segundo ele, a partir de 68, os festivais foram caindo, caindo... até chegar no que chegou. "Há toda uma mega-estrutura mas, se há 20 anos fosse apresentado um evento assim, garanto a você que o pessoal estaria na porta do cinema vaiando".

Hoje ele nota algumas manifestações. "Mas são frases muito tímidas escritas em cartazes", acrescentando, porém, que não quer criticar os filmes. "Quem sou eu para isso?" e afirma que o próprio **Presença de Marisa**, até o momento da exibição ontem à noite, não havia sido visto pelo ator.

Joel diz ainda que não pode culpar ninguém pelo que chama de "marasmo". "Esta coisa cristã de culpa não existe, o que acontece é que o Brasil está produzindo pouco e a cidade, apesar de ter sido feita por artistas, está cada vez mais burocrática. Quem sabe, a partir de agora, a gente já comece a se preparar para o festival que vai acontecer daqui a 20 anos, em 2008".

Já Cláudia Magno, que contracena com Joel Barcellos no filme, não é tão pessimista (ou realista?). "Não vejo as coisas pelo lado político nem intelectual que o Joel vê. Olho tudo pelo lado intuitivo, pelo coração mesmo", diz ela, que pela primeira vez concorre em um festival com um filme longa. E, por isso, ontem de manhã, no saguão do Hotel St. Paul, Cláudia se dizia ansiosa, "com a adrenalina a mil" e curtindo muito a cidade burocrática. "Agora é que eu estou vendo a vida das pessoas daqui. Gosto de Brasília, que tem uma energia muito boa", afirmou a atriz que concorre também na bitola em 35 mm curta, com o filme **Com o Andar de Robert Taylor**, de Marco Antônio Simas, exibido quinta-feira.

Cláudia, que integrou o elenco de **Menino do Rio** e **Garota Dourada**, ambos de Antônio Calmon, disse que a fotografia de **Presença de Marisa** é bonita e define o filme como "delicado". E os dois meses que passou em Ilha Bela para as filmagens foram ótimos, "apesar de não ter sido fácil porque faltou dinheiro". Ressalta que foi a primeira vez em que trabalhou com uma equipe de São Paulo "e Joel é uma ótima companhia. Ele, sendo um veterano, me ajudou muito".

A atriz declarou ainda que adoraria participar de outro filme, mas a dificuldade em se fazer cinema a está impedindo. Por isso afirma que a crítica ao cinema nacional não vale. "Qual é, por que criticar? Este filme, por exemplo, é digno, tem começo, meio e fim e, claro, não tem recursos de grandes produções. Mas valeu o trabalho".